

até 2016. Brasileiras entram com 15%



Divulgação

Sergipe e Ceará, o grupo registra faturamento de R\$ 600 milhões e emprega perto de dois mil funcionários.

A cabeça de ponte da Galvani, de acordo com Bonagura, é o projeto Serra do Salitre, em Minas Gerais, empreendimento estimado em R\$ 400 milhões e que terá capacidade de produzir um milhão de toneladas de concentrado fosfático ao ano. A mineração entra em operação em julho de 2013, enquanto a parte química deve começar a operar em meados de 2014.

Entre as prioridades do grupo paulista, destaca-se ainda a exploração de uma jazida de fosfato associado ao urânio localizada no município cearense de Santa Quitéria. Pelo contrato firmado em 2009 com a Indústrias Nucleares do Brasil (INB), ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e responsável pela exploração de urânio no país, a Galvani é responsável pelo parque industrial e pelo investimento de US\$ 350 milhões. Deste total, diz Bonagura, a empresa possui R\$ 492 milhões em crédito a serem liberados pelo BNB (Banco do Nordeste) mediante as licenças ambientais.

A partir de 2015, do minério extraído da mina Itatiaia, em Santa Quitéria, sairão 1,5 mil toneladas anuais de urânio, que ficarão com a INB, e produzidas 240 mil toneladas de fósforo (P₂O₅) em ácido fosfórico por ano, destinadas aos segmentos de fertilizantes e nutrição animal. “Esse volume representa um aumento de 10% na atual capacidade nacional de produção de P₂O₅ e permitirá reduzir importações de fosfatados”, diz.

Apontado como o único empreendimento novo nessa área desponta a canadense MbAC Fertilizantes, que está investindo R\$ 405 milhões na construção de uma fábrica de fertilizantes de Superfosfato Simples (SSP), entre Goiás e Tocantins.

A primeira etapa do projeto Itafós-Araraí, com capacidade de 500 mil toneladas por ano, começa a produzir a partir



O Brasil tem a maior carga de tributos do mundo sobre o potássio (41,6%) e a segunda do planeta sobre o fosfato (30,8%), ficando atrás só da China, onde os tributos atingem 31,5%

Paulo Camillo Penna
Presidente do Ibram

de setembro de 2012, diz Roberto Busato Belger, vice-presidente da MbAC Fertilizantes. De acordo com ele, para esse volume de superfosfato simples será necessária a extração de 330 mil toneladas de rocha fosfática com um teor médio de 28%.

“Nesse primeiro momento, nossa produção será suficiente para atender pelo menos 40% da demanda local”, completa o executivo. Belger acredita que a segunda fase de Araraí (mais 500 mil toneladas anuais) estará concluída e em condições de operar já a partir de 2016.

O vice-presidente da MbAC cita também o projeto Santana, ainda em fase de desenvolvimento na região sudeste do Pará, mas, segundo ele, com “boas perspectivas” para a produção de fertilizantes fosfatados e a vantagem da proximidade do mercado de Mato Grosso. “Acredito que até o fim do ano a etapa de pré-viabilidade do projeto ao final estará concluída”.

Roberto Busato Belger diz que a companhia também planeja atuar na extração do potássio e marcou para 2012 o início dos trabalhos de sondagem do projeto Potássio-Anebé, na Bacia Amazônica, ao norte de dois projetos de potássio da Petrobras, Arari e Fazendinha.

Na Copebras, que no ano passado alcançou a produção de um milhão de toneladas de fertilizantes, o gerente de marketing e vendas da Anglo American-Copebras Marcos Stelzer limita-se a dizer que “da mesma forma que os outras empresas, a Copebras está estudando oportunidades de expansão”.

A empresa abastece o mercado de fertilizantes fosfatados, fosfato bicálcico (DCP) e ácidos que são produzidos nas operações de Catalão (GO) e de Cubatão (SP).

Apesar do ciclo de investimentos, Paulo Camillo Penna, presidente do Ibram, diz que a pesada carga tributária anula os esforços para reduzir a dependência do fertilizante importado.

EMPREENHIMENTOS PROPOSTOS NO BRASIL

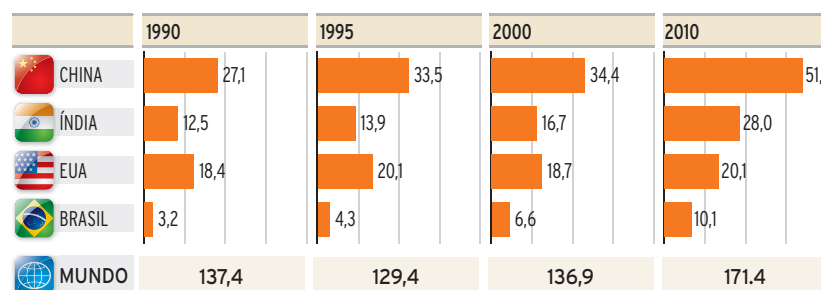
Investimentos no curto/médio prazo

NITROGENADOS	
CANDEIAS (BA)	SULFATO DE AMÔNIO
LARANJEIRAS (SE)	SULFATO DE AMÔNIO
TRÊS LAGOAS (MS)	AMÔNIA E UREIA
LINHARES (ES)	AMÔNIA E UREIA
UBERABA (MG)	AMÔNIA
CUBATÃO (SP)	ÁCIDO NÍTRICO
FOSFATADOS	
STA QUITÉRIA (CE)	ROCHA FOSFÁTICA, ÁCIDOS SULFÚRICO E FOSFÓRICO, MAP
ARRAIAS (TO)	ROCHA FOSFÁTICA, ÁCIDO SULFÚRICO E SSP
PATROCÍNIO (MG)	ROCHA FOSFÁTICA, ÁCIDOS FOSFÓRICO E SULFÚRICO, MAP, TSP E SSP
PATROCÍNIO (MG)	ROCHA FOSFÁTICA, ÁCIDO SULFÚRICO E SSP
UBERABA (MG)	ÁCIDOS SULFÚRICO E FOSFÓRICO, MAP
CATALÃO (GO)	ROCHA FOSFÁTICA, ÁCIDOS FOSFÓRICO E SULFÚRICO, MAP
POTÁSSIO	
ARACAJU (SE)	CLORETO DE POTÁSSIO

Fonte: Anda

EVOLUÇÃO DO CONSUMO MUNDIAL DE FERTILIZANTES

Brasil foi o que mais cresceu no mundo nas últimas décadas: 6% ao ano, em milhões de toneladas de nutrientes



CRESCIMENTO DA DEMANDA EM DUAS DÉCADAS (1990 A 2010)



Fontes: IFA, Anda



SUSTENTABILIDADE

Demandas agrícolas desafiam meio

O dilema afeta toda a indústria de mineração, mas é na extração de fosfato e potássio que se concentram

TEXTOS LUCIANO MARTINS COSTA

A indústria de fertilizantes representa um ponto de inflexão no processo de desenvolvimento do Brasil. Dono das maiores extensões de terras agriculturáveis do mundo e, ao mesmo tempo, responsável pela missão de preservar o maior conjunto de bens naturais do planeta, o país se vê diante da necessidade de aumentar sua produção agrícola sem permitir que a expansão das áreas de exploração represente uma pressão maior sobre as reservas do patrimônio ambiental.

Há quem defenda como única solução aceitável a opção dos nutrientes biológicos e do manejo natural de corretores do solo, mas tais alternativas ainda não são aplicáveis em larga escala, no nível do grande agronegócio. O engenheiro agrônomo José Carlos Pedreira de Freitas, diretor da Hecta, consultoria de agronegócios e sustentabilidade e diretor-adjunto da Câmara Setorial de Máquinas da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) — observa que a agricultura brasileira precisa se livrar do “vício de insumos químicos”. Mas reconhece que o caminho nesse sentido ainda está repleto de desafios.

Pedreira lembra que nesse setor se destaca o conjunto de produtos sob a marca Native, do grupo Balbo, que tem sede na cidade paulista de Sertãozinho. Líder na produção de alimentos orgânicos, a Native já se expandiu para além do circuito alternativo e se consolida no mercado internacional com uma receita radical, que inclui a utilização em larga escala de adubos verdes, com o aproveitamento racional dos efluentes orgânicos do manejo da cana e da produção agroindustrial. A empresa possui na Fazenda São Francisco, localizada no Oeste paulista, 15 mil hectares certificados para a produção de cana por manejo orgânico.

Mas o consultor lembra que se trata de um caso especial de produção agrícola com adubação exclusivamente natural, sem utilização de produtos sintéticos. “A experimentação desses novos paradigmas por enquanto está restrita à produção em pequena escala, na agricultura familiar, onde o manejo está mais próximo dos operadores, que são o proprietário e seus familiares ou agregados”, observa, lembrando que o agronegócio empresarial não tem essa flexibilidade e não pode mudar o processo ao longo do ciclo produtivo.

Polêmica persiste

Os especialistas estão longe da unanimidade. Enquanto os entusiastas da economia verde asseguram que já é possível obter alta produtividade com métodos orgânicos, muitos ainda entendem que por longos anos o agronegócio vai depender dos fertilizantes de origem mineral. Para as duas vertentes, porém, há um ponto de convergência: a tese de que o eixo dessa questão é o aumento da produtividade sem a necessidade de expandir indefinidamente as áreas de plantio. Trata-se, mais ou menos, do mesmo dilema que cerca as mudanças nos setores de combustíveis e indústria químico-

Segundo o Ministério da Agricultura, para obter produtividade de 6 mil quilos por hectare na cultura do milho são necessários 136 kg de nitrogênio, 28 kg de fosfato e 39 kg de potássio

ca: até quando o mundo será dependente do petróleo?

Nesse sentido, a indústria de fertilizantes procura se encaixar nos novos paradigmas. O próprio mercado já não admite as crateras erodidas, os rios contaminados por produtos químicos e as comunidades abandonadas à própria má sorte. Imagens como as de Serra Pelada não são mais aceitas e o fato de a maioria das grandes empresas do setor serem empresas de capital aberto, submetidas ao conceito de risco do mercado de ações, faz com que, além do resultado financeiro, elas tenham que oferecer aos investidores demons-

trativos transparentes de responsabilidade ambiental e social.

Desafios principais

O dilema afeta toda a indústria de mineração, mas é principalmente na extração de fosfato e potássio, matérias-primas da maioria dos fertilizantes, que o setor cruza seus desafios com os da agricultura. Alguns números são suficientes para ilustrar a importância dos insumos químicos na produção rural: segundo dados do Ministério da Agricultura, para se obter uma produtividade de 6 mil quilos por hectare na cultura do mi-

